

A FESTA VERDE E AMARELA

SKANK, FERNANDA ABREU, GABRIEL O PENSADOR

Muitos foram aqueles que se dirigiram até à Expo'98 no passado sábado. E a razão não era para menos, celebrava-se o dia do Brasil, estando por esse facto agendados três grandes concertos: Skank, Fernanda Abreu e Gabriel, o Pensador. Pelo menos por esta primeira fase da última exposição mundial do século, este era, depois das comemorações do dia de Portugal (ver outras páginas), a data mais aguardada. E o público não faltou a tamanha manifestação de cultura canarínha: dançou-se samba, viveu-se Carnaval, respirou-se Copacabana, bebeu-se caipirinha. Se tal fosse possível, o Vídeo Estádio teria funcionado como teletransportador, levando os largos milhares de espectadores até ao calor brasileiro.



Fernanda Abreu

Eram oito da noite em ponto, tal como havia sido marcado, quando os Skank inauguraram a noite. Os magotes de gente que se encontravam nas bilheteiras e nas entradas da Expo'98 faziam crer que o recinto poderia estar vazio, ou quase. Mas já estava cheio, de brasileiros. A segunda música, os Skank abordaram a outra grande festa que se vive na Europa: o Mundial de Futebol. Aliás, esse foi um tema incontornável para todos os artistas, passando sempre por um grito de desejo de chegar ao penta-campeonato. «É uma Partida de Futebol» foi o primeiro tema dos Skank a colocar todo o Vídeo Estádio ao rubro. As pessoas corriam para se aproximarem da festa, e os brasileiros contagiavam até o mais céptico com a sua exuberância habitual.

Mas o futebol esteve ainda mais presente no concerto da banda brasileira. No início, o vocalista ostentava uma camisola de um clube nova-iorquino, enquanto um dos elementos da secção de sopros vestia a da selecção holandesa. Alguém comentava que por certo, ainda mudaríamos de roupa, o que aconteceu. Talvez como procura de redenção, uma vez que por vezes pareciam esquecidos de que estavam em Portugal, e de que também havia portuguesas na assistência, dirigindo-se ao público com frases como «Vamos lá galera brasileira», o vocalista muda de camisola, para uma da selecção portuguesa. «Que bom é cantar para os portuguesas», grita finalmente, afirmando que aquela roupa era uma homenagem a um grande jogador, do qual era admirador, mas que nunca tinha visto jogar: Eusébio. E se alguns portugueses ainda estavam por render, a partir daí só se festejou.

A postura dos Skank em palco também não é a mais convencional. Os três músicos de sopro, atrás, nunca pararam de fazer coreografias; o percussionista impossibilitava qualquer um de permanecer quieto; o teclista é, sem qualquer dúvida, o elemento mais versátil da banda, desdobrando-se entre as suas funções de músico e o estrelato frequente de voz principal. Musicalmente, os Skank abordaram todos os ritmos mais tradicionais brasileiros, desde o forró nordestino, com direito a sotaque perfeito, ao samba. Falaram de mulheres, sendo de destacar o tema «Açúcar», em que afirmavam que «aquela garota é tão gostosa que até enjoa». E, claro, a «Garota Nacional», com o seu «vestidinho preto», que todos «queriam provar». Um dos grandes pontos de animação neste concerto deveu-se aos muitos «medleys» que a banda fez, unindo temas próprios com outros populares

brasileiros. O resultado tomava-se fantástico, possibilitando a todos acompanhar o que se passava, mesmo que não fossem detentores de profundo conhecimento da carreira dos Skank. O momento mais bem conseguido foi, sem dúvida, quando intercalaram a célebre frase «Me Sinto Só», deixando ao público a interpretação do resto: «Moro num país tropical...».

Fernanda Abreu foi a protagonista do primeiro atraso da noite, passando o início do concerto para as 22h30, ou seja, meia hora mais tarde que o previsto. Foi vítima de dois factores: por um lado, muitos que tinham vivido o concerto dos Skank aproveitaram para ir jantar, e, mais para o final, muitos foram aqueles que abandonaram o Vídeo Estádio para assistirem ao espectáculo «Acqua Matrix». Por outro lado, o público português, que a partir dessa altura e até ao final da noite permaneceu em maioria, não conhece a obra de Fernanda Abreu. Talvez tivessem ouvido «Um amor, Um Lugar», composto para a cantora por Herbert Vianna, e tema de amor de uma das muitas telenovelas que passam pelo écran televisivo português. Podiam também conhecer «Kátia Flávia», a loira Belzebu, «gostosa e provocante», mas pouco mais. O público mostrou-se céptico, na grande maioria das vezes mais preocupado em apreciar os dotes físicos de Fernanda Abreu do que as suas qualidades vocais. Quem perdeu foram eles! Com Fernanda Abreu assistiu-se à maior produção da noite. Ao contrário das outras bandas, na primeira fase do concerto, em vez de aproveitar o écran do Vídeo Estádio para mostrar o concerto, usou-o para fazer jogos, nomeadamente passar a imagem de uma bandeira, com as suas cores normais e, de seguida, a mesma com as cores do Brasil.

Fernanda Abreu dançou, encantou, mostrou uma energia em palco surpreendente, sempre a par com o seu magnífico bailarino-cantor. Em sintonia. Ao longo do espectáculo, passeou-se pelo Brasil, numa mostra perfeita daquilo que é o seu último disco, «Raio X», afinal uma compilação dos seus três primeiros álbuns. Outro facto a sublinhar é a extrema preocupação da cantora em explicar tudo o que estava a fazer, o que estava a acontecer. Pena é que muito poucos a ouvissem. O concerto começou com uma «Aquarela Brasileira», cumprimentou «Jack Soul Brasileiro», homenageou «Jorge de Capadócia». A versátil Fernanda revelou-se uma cantora magnífica, uma bailarina fantástica e uma perfeita instrumentista de samba, tocando desde tambor a

pandeiro. Despediu-se, mas não sem antes agradecer o privilégio de ter estado em Portugal, não sem antes vestir uma camisola do Brasil, nem interpretar um tema que exibia os privilégios de uma união entre Portugal e o Brasil. Que não aconteceu ao longo do seu concerto.

O segundo atraso da noite foi de quarenta e cinco minutos, mas toda a espera vale a pena, quando se trata de Gabriel, o Pensador. Deste, pouco mais há para dizer que não tenha ainda sido dito. Personifica em si a descrição perfeita da realidade brasileira actual, desde encarnar o mendigo que é tão pobre que só queria morar numa favela, até ao extremo oposto do «play-boy, filhinho de papai». O concerto começou em força, uma vez que o rapper pôs toda a gente automaticamente a cantar um dos seus maiores êxitos de sempre, «Lôraburrá». Apesar de surgir vestido de amarelo (mas será que aquela noite tinha outra cor?) multiplicava-se em muitas personagens, até como médico, quando «rappava» acerca dos problemas de saúde brasileiros. O Vídeo Estádio foi um grande telefone, um pouco mais tarde, quando todos gritaram em sintonia com Gabriel que queriam «afogar o ganso». Canta um itinerário pelas praias do nosso país, refere os muitos grupos de rap e hip-hop que conhece em Portugal. Grita Ithaka, Da Weasel, Black Company, Boss AC. E para rematar com chave de ouro convida General D para o acompanhar, num triângulo único entre Portugal, Brasil e Moçambique. Em unísono, com Gabriel, todos gritam que o «racismo é burrice», e todos compartilham da sua dor quando homenageia um amigo desaparecido, marcado com frases incontornáveis como «a avó perdeu



Gabriel o Pensador



Skank

a fé, tem raiva de Deus». Gabriel sai do palco, mas logo regressa, de skate e com a sua camisola da selecção portuguesa. Pouco depois despede-se. Mas volta, presenteando o público com o tema que melhor poderia espelhar o sentimento que se viveu naquele recinto: «Festa da Música». E coube ainda a Gabriel a melhor frase da noite: «hoje, aqui, vive-se o verdadeiro Pavilhão do Brasil». E tinha toda a razão. Alegria como a que se viveu ali, ao longo de seis horas e meia, só poderia ser levada a cabo por um povo que leva consigo sempre uma alegria desmedida. Um verdadeiro Pavilhão do Brasil.

A.V.